

**A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: DIÁLOGOS ENTRE
BELL HOOKS E PAULO FREIRE**

***Eixo Temático ET 19 - Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,
Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências***

Bianca Morais da Silva ¹
Mirele Moran Costa²
Renato Duro Dias ³

RESUMO 600 a 800

O presente trabalho pretende analisar através de uma pesquisa bibliográfica como se deu a influência de Paulo Freire no entendimento de bell hooks acerca da educação crítica, emancipatória e como prática de liberdade. Além disso, pretende discorrer sobre o a trajetória educacional de hooks, desde quando era aluna em um escola para negros, onde vivenciou uma experiência plena de aprendizagem até suas decepções com o sistema educacional apresentado através das escolas integradas e do próprio ambiente acadêmico e, posteriormente o seu encontro com os ideais pedagógicos de Paulo Freire e o impacto em sua obra. Ademais, busca compreender como esta educação libertadora é o ponto de partida para abordagens interseccionais considerando raça, gênero e classe e a importância do autoconhecimento no processo educacional como ferramenta para a emancipação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação crítica; Hooks; Freire; Educação libertadora.

¹ Mestranda do curso de Direito e Justiça Social da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, biancamoraisdasilva93@gmail.com;

² Mestranda do curso de Direito e Justiça Social da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, mirelemoran@gmail.com;

³ Doutor em Educação, Professor da FADIR da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, renatodurodias@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma professora estadunidense que escreveu diversos livros abordando temas como feminismo, racismo e a importância de uma educação libertadora como instrumento de transformação social.

A história de bell hooks se deu no contexto de segregação racial nos Estados Unidos onde as escolas também eram separadas por raças. Deste modo, num primeiro momento, sua educação se deu imersa em sua realidade local com professoras na sua maioria negras que se esforçaram ao máximo para permitir que seus alunos explorassem suas capacidades intelectuais. Neste momento ela tinha identificação plena com suas professoras e a educação fazia todo o sentido sendo uma experiência prazerosa e repleta de êxtase.

Com o fim da segregação racial bell hooks ingressou em uma escola integrada na qual professores e alunos eram predominantemente brancos e, neste momento, a educação deixou de ser prazerosa e encantadora, se transformando apenas em um ensino mecânico, sem identificação com a realidade e sem empatia por parte dos professores.

Em quase todos os livros e textos desenvolvidos pela autora é perceptível sua forte ligação com a educação. Especialmente no livro *Ensinando a Transgredir* fica claro que a sua relação inicial com a educação - antes da integração racial americana - foi plena e imersa em um aprendizado que envolvia a realidade vivida por ela.

Mesmo tendo enfrentado uma grande decepção com a educação no período de integração racial e posteriormente no ambiente da universidade, a autora sempre buscou de alguma forma reviver aquele êxtase do processo de aprender que foi vivenciado na sua infância e, após um longo período de buscas parece ter encontrado o seu caminho nas discussões de interseccionalidade de raça, gênero e na problematização das relações opressivas que se encontram no sistema capitalista, destacando sempre a educação

crítica e problematizadora como uma forma de emancipar os grupos socialmente desvalorizados e, principalmente as mulheres negras.

É indiscutível que a educação é um instrumento potente de alteração social e, sendo assim, todo e qualquer debate que dê voz as práticas pedagógicas transformadoras deve ser incentivado. Deste modo, a pesquisa se justifica pela necessidade constante de manter a educação em debate através de permanentes interlocuções entre pensadores.

Assim, através da pesquisa bibliográfica, leitura e estudos de obras de bell hooks e Paulo Freire, buscou-se promover um diálogo entre os principais pensamentos destes autores na defesa de uma educação emancipatória e livre. Além disso, tentou-se verificar como as discussões sobre raça, gênero e classe dentro dos espaços escolares mediante a pedagogia proposta por hooks e Freire é capaz de fomentar uma formação crítica emancipatória apta a transformar diversos tecidos sociais.

Se por um lado bell hooks expõe o compromisso do patriarcado branco na manutenção de uma hegemonia sexista e racista através, inclusive, do cooptação de sujeitos que também são vítimas dessas opressões. Por outro também expõe que é somente através da reflexão crítica que os sujeitos são capazes de se perceberem sendo utilizados como instrumento da manutenção da dominação.

Portanto, tendo em vista que estamos imersos em uma sociedade opressora/exploradora guiada por valores de mercado, e que necessita que a maioria da população não tenha noção da condição em que se encontra como garantia da reprodução deste próprio sistema, é fundamental discutir as opressões que existem, as formas como elas se reciclam no cotidiano e, principalmente, repensar constantemente as práticas educativas para que sejam cada vez mais emancipatórias e menos formadoras de mão-de-obra.

Desta maneira, os diálogos que podem ser feitos entre as obras de bell hooks e Paulo Freire nos permitem discutir a educação de forma abrangente, envolvendo não somente os conhecimentos constantes nos currículos, mas a formação integral de sujeitos críticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade vivenciamos uma crescente facilidade ao acesso de todo o tipo de informação através da popularização da internet, entretanto, não se pode dizer que o conhecimento ou os processos de conhecimento evoluíram na mesma proporção. Pelo contrário, cada vez menos os sujeitos têm capacidade crítica sobre as informações que recebem, sendo cada vez mais difícil que os indivíduos se percebam como vítimas de um processo exploratório e predatório que silencia diversos grupos sociais dentro do sistema capitalista.

As contribuições teóricas de Paulo Freire e bell hooks nos permitem pensar a educação em uma perspectiva de uma tomada de consciência e, ao mesmo tempo, construção de subjetividade e linguagem de uma diversidade antes desconsiderada pela economia de saberes. Isso implica a responsabilidade dos professores também se colocarem como aprendizes, visto que a educação é feita no diálogo e a pedagogia crítica se dá como uma forma de os sujeitos encontrarem a sua própria voz. (SOARES, 2021)

O contato de bell hooks com a obra de Paulo Freire se deu justamente num momento de sua vida particular em que questionava a política de dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização nos Estados Unidos e, enxergou através de Freire a linguagem política e o fundamento que precisava para desenvolver seus debates.

Através da internalização da seguinte frase isolada de Paulo Freire, “Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde” (FREIRE apud HOOKS, 2021, p. 66) hooks alicerçou a construção do seu próprio pensamento crítico com relação ao racismo, sexismo e exploração de classe e buscou relacionar estes temas à necessidade crescente de discussões no ambiente escolar.

Entretanto, “não basta saber e discorrer sobre pensamento crítico, esse é apenas o primeiro passo. Sua questão como praticar uma educação antirracista, antipatriarcal e anticapitalista diante da realidade nua e crua de um mundo que existe determinado por

esse mesmo sistema que almeja-se enfrentar” (RIBEIRO, 2021, p.161). E mais do que isso, como fazer com que esta educação seja responsável pela tomada de consciência dos sujeitos?

É neste ponto que a educação proposta por Paulo Freire e por bell hooks parece responder as dúvidas que surgem sobre a forma de praticar uma educação crítica e transformadora. Tendo em vista que os estudantes não se tornam pensadores críticos de forma instantânea hooks destaca que os alunos precisam primeiro aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito “A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente” (hooks, 2020, p. 33)

É justamente o pensamento crítico que é alvo do aniquilamento educacional promovido pelo sistema capitalista. Aliás, dentro deste modelo econômico - e de vida - a única educação concebível é aquela que reforça os modelos de dominação, utiliza punições e é nutrida por professores autoritários que se colocam numa situação de superioridade.

Através da obra intitulada *Pedagogia da Autonomia*, Freire destaca a importância do professor se colocar em um patamar de aprendizagem juntamente com seus alunos, não discriminar ou agir com preconceito, justamente o que hooks também entende como sendo uma prática pedagógica respeitosa:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor - *de que ensinar não é transferir conhecimento* - não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 2021, p. 47, grifos do autor)

As reflexões de Freire estão em consonância com o que bell hooks entende por abordagem holística, em outros termos, se trata do entendimento de que o processo educacional precisa respeitar os anseios dos estudantes, estabelecendo vínculos constantes com a realidade e considerando relevante as experiências vividas pelos sujeitos.

Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda a razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida. (hooks, 2017, p. 33)

Neste sentido, quando o professor leva em consideração as experiências vividas por seus alunos, não pode ficar inerte às questões de gênero, raça e classe, justamente por estarem nelas as indagações mais relevantes para o autoconhecimento e entendimento acerca da realidade vivida pelos sujeitos.

Assim, para hooks a educação precisa debater raça, gênero e classe de forma interseccional, ou seja, como questões inseparáveis. Não há como fazer um distanciamento e discutir somente questões racistas ou somente questões feministas, é necessário que as discussões e os debates sejam interligados, pois, nas palavras da autora: “A minha experiência de vida mostrou-me que as duas questões são inseparáveis, que no momento do meu nascimento, dois fatores determinaram o meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher” (hooks, 2014, p.12)

O pensamento e a prática feministas foram profundamente alterados quando mulheres negras e brancas de postura radical começaram, juntas, a desafiar a ideia de que o “gênero” era o fator que, acima de todos, determinava o destino de uma mulher. [...].(hooks, 2019, p. 17)

Deste modo, foi através do entendimento sobre conscientização e assunção da identidade (tornar-se sujeito) abordados por Paulo Freire que bell hooks desenvolveu seu posicionamento contra o patriarcado capitalista e a hegemonia branca concluindo que somente o processo de autoconhecimento poderia iniciar uma transformação na população negra e gerar profundas modificações sociais.

E assim, a obra de Freire, em seu entendimento global das lutas de libertação, sempre enfatiza que este é o importante estágio inicial da transformação - aquele momento histórico em que começamos a pensar criticamente sobre nós mesmas e nossa identidade diante de nossas circunstâncias políticas. (hooks, 2021, p. 67)

Nesse sentido, é fundamental o papel do educador no auxílio do processo de autoconhecimento de seus alunos e a consequência desta pedagogia para o conhecimento de si próprio é o entendimento dos sujeitos sobre os papéis que lhes são atribuídos historicamente pelo sistema dominante. Assim, a compreensão acerca das consequências de se pertencer a um determinado gênero, raça ou classe em uma sociedade excludente e opressora não pode ser minimizada pela educação.

Deste modo, este entendimento permite compreender o quão necessária é a educação crítica (e até mesmo o recurso discursivo, uma linguagem política como referiu hooks) e como as abordagens interseccionais dentro da sala de aula trazem entendimento sobre as mais diferentes realidades e suas conexões com os diversos processos históricos e, além disso, é possível ainda depreender que é através da evolução da criticidade que os sujeitos - e os grupos sociais nos quais estão inseridos - emancipam-se e libertam-se para começar a luta por espaço e voz em seus contextos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pesquisa realizada com base na trajetória de bell hooks e na influência que Paulo Freire teve em seus debates, pudemos não só perceber a similitude de convicções entre ambos como também concluir que através da educação crítica proposta eles os sujeitos são plenamente capazes de iniciar um processo de autoconhecimento responsável pela compreensão acerca de suas realidades. Assim, restou evidenciado que é através de um ambiente educacional de trocas, respeito e acolhimento que educação crítica para a liberdade tem espaço para ser desenvolvida. Além disso, é somente por meio da crescente criticidade na sala de aula que se desenvolve a compreensão de como o sistema dominante interage com as raças, classes e gêneros aos quais pertencem os sujeitos. Assim, a educação crítica é capaz de expor as opressões sofridas pelos indivíduos e torná-los aptos para combater as dinâmicas sociais violentas, ou seja, é somente através da educação como prática de liberdade que os sujeitos ganham voz para dizer quem são e contar suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu analisar a influência de Paulo Freire no entendimento de bell hooks acerca da educação crítica, emancipatória e como prática de liberdade. Além disso, evidenciou como esta educação libertadora é fundamental para abordagens interseccionais considerando raça, gênero e classe através do autoconhecimento no processo educacional como ferramenta para a emancipação dos sujeitos.

Ademais, pudemos perceber que educar não é apenas transferir conhecimento, mas educar é conhecer o contexto social em que os discentes se encontram, fazer com que tenham um entendimento global das situações que influenciam tais contextos e, além disso, educar é fazer com que os sujeitos entendam como o sistema dominante opressor interage com as características individuais e sociais de cada um, para somente assim impulsionar as mudanças sociais necessárias para dar voz aos que hoje são emudecidos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 69ª Edição. 2021. Editora Paz & Terra.

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher?: Mulheres negras e feminismo**. Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: . Acesso em: 02 jul. 2019

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. 2ª Edição, 2017. Editora WMF Martins Fontes LTDA.

hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

RIBEIRO, Viviane Magno. bell hooks e a experiência do pensamento crítico: da teoria à prática na sala de aula. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 8, n. 1, p. 320-324 (158-162), 2021.

SILVA SOARES, M. H. .; DAMASCENO COSTA , R. L. . Sobre a educação como prática de liberdade:: Lições e diálogos entre Paulo Freire e Bell Hooks. *Kalagatos* , [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–145, 2021. DOI: 10.23845/kalagatos.v16i2.6592. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6592>. Acesso em: 28 jul. 2022.